

ABEL CANAVARRO

**Novos movimentos de
espiritualidade e interpretação pastoral**

PORTO
2004

Novos movimentos de espiritualidade e interpretação pastoral

Introdução

As correntes contemporâneas de espiritualidade ¹ e as suas ideias incarnam nos diversos grupos eclesiais e, por isso, fazem parte da Igreja de hoje e esta não os pode esquecer na sua reflexão teológico-pastoral.

A realidade dos movimentos de espiritualidade é ainda crónica mais que história e, por isso, é necessário tratá-la com aquela prudência de um acontecimento ainda não completo. Não há ainda uma distância crítica para julgar este fenómeno com objectividade.

Vamos fazer uma reflexão sobre grupos eclesiais enquanto movimentos de espiritualidade, isto é, grupos, associações e comunidades que privilegiam a vida cristã em todas as suas componentes, ou aceitam algum aspecto da sua experiência espiritual vivido a nível pessoal e comunitário.

O fenómeno dos movimentos é um fenómeno em evolução, complexo e problemático, difícil e talvez jamais se possa enquadrar numa análise abrangente; tal é a variedade dos aspectos a considerar:

¹ As **correntes de espiritualidade** são as grandes linhas de pensamento que caracterizam as diferentes épocas. Permanecem muitas vezes ao nível de exposições teóricas, mas também assumem muito da vida e, de qualquer modo, encarnam nela. As **correntes contemporâneas de espiritualidade** são aquelas grandes linhas de pensamento que marcaram fortemente, seja o pré-concílio e que encontraram no Vaticano II uma espécie de lugar de presença e de acolhimento, seja aquelas que caracterizam profundamente a história da Igreja pós-conciliar até aos nossos dias. Sobre as correntes contemporâneas de espiritualidade cf. Ciro GARCIA, *Teologia Espiritual Contemporânea. Corrientes y perspectivas*, Burgos 2002, 223-287; Tullo GOFFI-Bruno SECONDIN, *Problemas y perspectivas de espiritualidad*, Salamanca 1886, 323-395; Augusto GUERRA, *Situación espiritual contemporánea*, in *Revista de Espiritualidad* 156-157 (1980) 415-515; Stefano de FIORES, *La nuova spiritualità*, Roma 1996, 15-99.

– Sendo um fenómeno actual é difícil julgá-lo sem um certo distanciamento,

– Sendo um fenómeno vital certamente supera em si, na sua complexidade e nos simples grupos, as características pessoais, os juízos ou os pré-juízos.

Certamente que o fenómeno actual dos novos movimentos de espiritualidade não é para supervalorizar como se fosse a única realidade viva da Igreja de hoje. Mas também não é um fenómeno a subvalorizar com desprezo e ironia, pensando que daqui a alguns anos eles entrarão na ordinária administração da vida cristã e serão integrados na engrenagem eclesial, perdendo a vitalidade de ponta, de fronteira bem como a sua novidade e vitalidade carismática (nascem, desenvolvem-se e morrem na Igreja).

Este é certamente um fenómeno a conhecer nas suas grandes linhas, com as linhas metodológicas que permitam uma investigação e um estudo do fenómeno (grandes e pequenos movimentos) para uma valorização global.

Daí uma série de perguntas que se colocam:

- O que são os movimentos hoje?
- Como se configuram histórica e teologicamente?
- Que importância dão aos movimentos o Papa e os bispos?
- Como acolher este dom particular que o Espírito Santo oferece à Igreja neste momento histórico concreto?
- Como acolher este dom em todo o seu alcance, com toda a sua plenitude e com todo o dinamismo que traz consigo?
- Como verificar se estes movimentos se devem, com certeza, à acção do Espírito Santo?
- Que critérios de discernimento temos para verificar a sua eclesialidade?
- O que significa tudo isto em termos concretos de discernimento, de acção apostólica e de desafio pastoral?

Nesta breve exposição, ainda que de forma imperfeita, vamos procurar responder a estas interrogações tendo em conta que todos os movimentos, cada qual segundo o seu próprio e peculiar carisma, estão chamados a amar, a permanecer e a ser a Igreja que é formada pela pluralidade de carismas.

1. Movimentos de Espiritualidade: Sinal de vitalidade da Igreja

Um dos fenómenos mais característicos do nosso tempo é o dos movimentos de espiritualidade.

Entendemos por movimentos de espiritualidade os diversos grupos existentes na Igreja de hoje que procuram apresentar e desenvolver um novo modo de viver o cristianismo, em plena fidelidade ao Evangelho e às exigências do momento presente da humanidade. São assim um fermento religioso na Igreja ².

Até alguns anos atrás parecia que a teologia, e em especial a Teologia Espiritual, não dava muito espaço à análise deste fenómeno. Hoje, pelo contrário, é indispensável fazer um estudo sério para uma valorização global e propor os critérios de discernimento para assumir eventualmente o seu contributo tendo em vista uma revisão da mesma Teologia Espiritual.

Também nos últimos anos o interesse por estes movimentos vai aumentando, como se pode ver pela bibliografia sobre o tema ³.

Temos também juízos favoráveis que colocam de relevo o valor e a actualidade destes movimentos para a renovação da Igreja.

Dois opiniões apresentadas por Pablo de Maroto:

“Hoje são os grandes movimentos laicais aqueles que levam por diante a renovação da Igreja. Penso na Legião de Maria, no Movimento para o Mundo Melhor do Pe. Lombardi, nos Cursos de Cristianidade, nos Focolares,... De todos estes movimentos deverá surgir a renovação da Igreja, porque foi sempre a linha carismática aquela que levou por diante o impulso renovador do Espírito Santo”.

“Parte integrante, senão essencial, da espiritualidade de uma época são os movimentos espirituais que nessa época nascem com as correntes espirituais que os precedem. Quando os historiadores do século XXI perguntarem qual foi o contributo religioso do século XX, deverão referir-se aos movimentos espirituais actuais, para definir a nossa história do mesmo modo que nós olhamos para o monaquismo para

² De facto cada vez que a Igreja viveu momentos de crise, o Espírito Santo suscitou figuras carismáticas de homens e mulheres que fundaram Institutos ou deram vida a movimentos espirituais que renovaram a Igreja. Segundo alguns autores, desta forma e sob este aspecto, a dimensão carismática é co-essencial à sua dimensão “institucional”.

³ A Bibliographia Internationalis Spirituality (BIS) recolhe, em cada volume, publicação anual, uma ampla documentação sobre os movimentos na secção “Motus spirituales”. A partir do volume 34 (bibliografia do ano de 1999), a mesma secção, passa a ser denominada “Motus ecclesiales”.

definir a Igreja Antiga e ao renascimento humanista para definir a época moderna”⁴.

A estes juízos do início dos anos 70 devemos acrescentar também outros posteriores.

O Cardeal Suenens, protagonista do Concílio e uma voz autorizada na Igreja pós conciliar, num dos seus livros sobre o Espírito Santo como fonte de esperança⁵, depois de apresentar o complexo fenómeno do Renascimento carismático, faz o elogio de alguns movimentos de espiritualidade⁶ que floriram como motivo de esperança no tempo em que parecia ter chegado para a Igreja “a noite escura da esperança”⁷.

O teólogo Hans Urs Von Balthasar, segundo Jesús Castellano, apresenta os movimentos laicais de espiritualidade como uma reserva de esperança e de pensamento para a Igreja de hoje, no momento em que parece que se desagregam as grandes escolas de teologia que precederam o concílio, o comentaram e o aplicaram⁸.

A atenção de João Paulo II aos movimentos e o entusiasmo que a sua pessoa e o seu magistério inspiram nestes movimentos são o índice de uma sintonia que coloca em destaque a actualidade deste fenómeno eclesial⁹.

Na história dos movimentos, colocando de lado o aspecto humano do carisma, devemos afirmar que nos encontramos diante de um fenómeno histórico na Igreja de hoje e que este tem um papel importante como o tiveram outros movimentos religiosos em outras épocas do cristianismo. São a espiritualidade viva, ainda que não exclusivamente, da Igreja actual, e deixam uma marca importante na história do nosso tempo.

A sua ligação com o concílio é providencial. Alguns precederam-no e, de alguma forma, anteciparam as instâncias da renovação eclesial.

⁴ Pablo de MAROTO, *Movimientos modernos de espiritualidad*, in *Revista de Espiritualidad* 30 (1971) 385. Cf também Jesús CASTELLANO, *Carisma per il terzo millennio. I movimenti ecclesiali e le nuove comunità*, Roma 2001, 23-24.

⁵ J. L. SUENENS, *Lo Spirito Santo, nostra speranza. Un nuovo Pentecoste*, Milano 1975.

⁶ Entre estes movimentos cita, para além dos Carismáticos, o Movimento dos Focolares e o Encontro de Casais.

⁷ “Nesse tempo, Karl Rahner e outros, falavam de “Inverno” na Igreja; na realidade parecia que depois da grande floração do concílio, desenvolveu-se gelo em vez de primavera, fadiga no lugar de novo dinamismo”(Joseph RATZINGER, *Los movimientos eclesiales y su colocación teológica*, in *Communio* (1999) 87-88).

⁸ Cf. Jesús Castellano, *Carismi per il terzo millennio. I movimenti ecclesiali e le nuove comunità*, Roma 2001, 25.

⁹ Germán DOIG, *Juan Pablo II y los movimientos eclesiales. Don del Espíritu, Vida y Espiritualidad*, Lima 1987.

Outros apareceram depois e incarnaram as suas exigências mais profundas, especialmente na actuação do projecto eclesial, na dimensão da espiritualidade e apostolado laical¹⁰.

Esta linha parece ser também uma característica das épocas eclesiais de mudança. À palavra segue-se o Espírito. Aos concílios seguem-se os santos.

O Espírito Santo, ritmo de Deus na Igreja movimento, faz dela um contínuo Pentecostes, dando os seus dons conforme as necessidades e circunstâncias de cada época. De modo singular e de forma extraordinária nos tempos mais duros e críticos da vida eclesial, o Espírito Santo suscita graças que são respostas pontuais e adequadas às interrogações concretas de cada momento histórico.

a) *Um fenómeno sempre presente na Igreja*

Devemos começar por afirmar que o fenómeno do florescimento de movimentos na Igreja é um fenómeno antigo¹¹. De facto a surpreendente proliferação actual de novos movimentos não aconteceu por geração espontânea.

Num contexto eclesial profundamente diferente do actual, apesar de algumas semelhanças (insatisfação religiosa...), aparece também este fenómeno.

Comum é ainda o facto de que à volta de figuras cristãs de forte estatura espiritual (não necessariamente membros da hierarquia, mas em comunhão com ela) se congregam fiéis para viver um ideal evangélico, não só tendo em conta a vida cristã pessoal mas a de toda a comunidade eclesial.

O fenómeno dos movimentos tem uma larga pré-história, encarnada numa infinidade de intervenções do Espírito, origem de um ilimitado número de associações, grupos, fraternidades e movimentos que surgem ao longo do tempo para responder evangélicamente a situações muito concretas a que as instâncias eclesiais não podiam ou não sabiam responder (viviam muito atrofiadas).

¹⁰ A consciência do chamamento universal à santidade baseia-se no baptismo. O concílio concretizou em três direcções a orientação teológica sobre o laicado: 1 - Chamamento universal à santidade; 2 - Vocação e missão dos leigos; 3 - Formação e compromisso apostólico. Esta teologia do laicado pressupõe outra das grandes descobertas do Vaticano II que é a dimensão carismática enquanto constitutiva do povo de Deus (LG, 12). A partir destas considerações conciliares, pode dizer-se que os novos movimentos são fruto e, ao mesmo tempo, realização do Vaticano II, na parte que lhes corresponde.

¹¹ Elio PERETTO, *Movimenti spirituali laicali del Medioevo. Tra ortodossia ed eresia*, Roma 1985.

Muitos períodos da História da Igreja viram nascer tais movimentos ¹². O Cardeal Ratzinger fala de cinco grandes momentos históricos de aparição de novos movimentos ¹³:

1º Momento: O monaquismo missionário ¹⁴. Assim nos primórdios da Igreja surgiu um movimento que, levando ao deserto numerosos cristãos desejosos de viver a perfeição evangélica que a cidade secular tornava difícil de viver, desembocou nas várias formas de monaquismo.

2º Momento: A Idade Média ¹⁵. A Idade Média foi palco de vários movimentos, diversos na sua inspiração e estruturação, mas todos referenciados a uma forma de evangelismo: movimentos valdense e albigense, movimentos que procuravam viver a pobreza ou a oração. Entre estes é impossível esquecer aqueles que deram origem às ordens mendicantes, especialmente aos Franciscanos e Dominicanos.

3º Momento: A Época Moderna ¹⁶. O Renascimento, época assinalada por um grande humanismo antropocêntrico, misturado com a soberba e o prazer, de riquezas e grande desfrute, gozar a vida, viu surgir e foram importantes os vários movimentos de penitentes e flagelantes,

¹² Fidel GONZÁLEZ, *Los movimientos en la Historia de la Iglesia*, Madrid 1999. Nesta obra, o autor, oferece-nos um magnífico estudo, completo e detalhado, sobre a origem histórica dos movimentos de espiritualidade.

¹³ Cardeal Joseph RATZINGER, *Los movimientos eclesiales y su colocación teológica*, in *Communio* (1999) 97-103 (conferência realizada em Roma, dia 27 de Maio de 1998, na abertura do Congresso dos Movimentos eclesiais).

¹⁴ O monaquismo missionário: na era apostólica e pós-apostólica neotestamentária produz-se a abertura da missão ao mundo pagão, iniciado por um grupo de cristãos que, de forma espontânea, deixando-se levar pelo Espírito, deram o salto fundamental para o mundo não judeu como podemos ver em Lucas (cf. Act. 11,19-21).

¹⁵ Na Idade Média nasceram o monacato, Companhias de clérigos, os “pauperes Christi”, missionários itinerantes na Europa, as Ordens e Cavalaria, os cruzados, as ordens hospitalárias e militares, ordens mendicantes, que no princípio, nasceram abertas a cristãos leigos e cristãos ordenados, formando fraternidades para evangelizar e viver como companhias de amigos, para terminar posteriormente clericalizando-se.

¹⁶ Na Época Moderna a Igreja atravessou os abismos de grandes crises, devidas às conotações da chamada “modernidade”. Surgiram diferentes movimentos: 1 – **Antes de Trento:** a Devotio Moderna, que incluía vida de comunidade entre sacerdotes e leigos; as congregações de observância, que é o movimento de regresso às origens daquelas ordens religiosas que tinham perdido o fervor original; as congregações de amigos, que agrupavam leigos e alguns sacerdotes em confraternidades; a Companhia de Jesus, talvez a novidade mais importante desse tempo. 2 – **Depois de Trento:** nasceram mais companhias e fraternidades que se converteram mais tarde em institutos religiosos regulares ou seculares: Clérigos Reformados da Madre de Deus, religiosos Camilos, Padres da Doutrina Cristã, Escolápios, Filhas da Caridade... Sobressai a sociedade para as missões estrangeiras de Paris cujos membros se ofereciam para ir voluntários onde fossem enviados e que foi o resultado de uma “companhia de amigos” ligada à Companhia de Jesus, integrada por leigos e sacerdotes. Esta companhia foi o primeiro instituto exclusivamente missionário ad gentes.

assim como aqueles que procuravam o aprofundamento da Palavra de Deus. À volta de figuras como Vicente Ferrer, Catarina de Sena, reuniram-se grandes multidões de fervorosos fiéis.

4º Momento: Época Contemporânea ¹⁷. O século XIX e a 1.ª metade do século XX viu nascer, quase sempre sob a influência de um homem ou mulher possuídos pelo Espírito, bastantes movimentos, em forma de Fraternidades ou Pias Uniões, cuja acção foi importante, tanto na vida como na actividade da Igreja.

5º Momento: A segunda metade do século XX. Neste período e em simultâneo com as formas associativas de vida cristã que vinham das épocas anteriores, apareceram os chamados novos movimentos eclesiais e novas comunidades.

Podemos distinguir três períodos: período de gestação, período de crescimento e desenvolvimento e período de maturidade ¹⁸.

Período de gestação: Deve situar-se entre as duas guerras até à realização do Concílio Vaticano II. João Paulo II, referindo-se a este período, afirma que paralelamente ao associativismo tradicional, e até das suas próprias raízes, germinaram novos movimentos, novos grupos e novas associações ¹⁹.

¹⁷ Época Contemporânea: atacada a Igreja desde fora pelo Estado liberal, e por dentro pelo estancamento, o cansaço e o envelhecimento da vida das suas comunidades, surgiu um vasto movimento eclesial de renovação que deu lugar a uma cadeia de fundações ligadas ao carisma específico de uma pessoa ou de um grupo de pessoas, reunidas em nome do Senhor. Entre outras: Escola de Nova Espiritualidade Cristã, Apóstolos da Caridade, movimento missionário do qual surgiram institutos evangelizadores, como Combonianos e Padres Brancos. Surge também a Acção Católica e os seus movimentos especializados. O Opus Dei que será mais tarde reconhecido como prelatura pessoal. Os chamados institutos seculares de vida consagrada foram as maiores novidades deste período, no que se refere a movimentos e associações de carácter laical porque sobretudo a partir do seu reconhecimento como tais pela Igreja, a vida consagrada não está reduzida só a religiosos/as mas que, segundo o Código de Direito Canónico, há que falar de carisma consagrado em várias vertentes, a religiosa e a secular.

¹⁸ O Papa João Paulo II fala de três etapas: **Etapa da prova.** É caracterizada pelas interrogações, o mal estar, as tensões, as perseguições, os pré-juízos e as reservas em relação aos movimentos em geral, seja da hierarquia ou das instituições da Igreja...; **Etapa do discernimento.** Sobretudo realizado pelas autoridades eclesiais; **Etapa da maturidade.** Nova e definitiva etapa iniciada no Pentecostes de 1998 (Discurso no Encontro dos Movimentos eclesiais e Novas Comunidades na praça de S. Pedro, Vaticano).

¹⁹ “Nestes tempos mais recentes, o fenómeno da congregação dos leigos entre si assumiu formas de particular variedade e vivacidade. Se na história da Igreja tal fenómeno representou sempre uma linha constante, como provam até aos nossos dias as várias confrarias, as ordens terceiras e os diversos sodalícios, recebeu, todavia, notável impulso nos tempos modernos que têm visto o nascimento e criação de múltiplas formas agregativas: associações, grupos, comunidades, movimentos. Pode falar-se de uma nova era agregativa dos fiéis leigos” (*Christifideles Laici*, n.º 29).

Na sua maioria os novos movimentos nasceram no contexto do Vaticano II. Os que nasceram antes foram renovados e adaptados ao espírito conciliar e à nova eclesiologia ²⁰.

Período de crescimento e desenvolvimento: Este período vai de 1967, ano em que foi criado o Pontifício Conselho dos Leigos, até 1998, encontro do Pentecostes de 1998.

Entre estes dois acontecimentos ocorreu o Sínodo dos Bispos de 1987 do qual saiu a exortação apostólica *Christifideles Laici* que nos números 29 a 31 fala explicitamente dos movimentos eclesiais. Isto significa o reconhecimento público dos movimentos por parte da Igreja. Aliás, este documento é a primeira tomada de posição oficial da Igreja a favor dos movimentos.

Período de maturidade: Este período tem o seu início no Pentecostes de 1998. Este dia marca um antes e um depois na vida dos novos movimentos de espiritualidade.

b) Os movimentos de espiritualidade hoje

O que ocorreu no século XX?

É surpreendente a quantidade de diferentes formas de vida consagrada surgidas nos últimos séculos, período histórico de um progressivo neo-paganismo.

Ao longo do século XX nascem, por vezes timidamente, numerosos movimentos eclesiais. Este fenómeno cresce sobretudo depois da segunda guerra mundial e prepara a sensibilidade dos Padres Conciliares do Vaticano II para o estudo da teologia e da espiritualidade do laicado durante o mesmo Concílio, algo novo na história dos últimos concílios ²¹.

Diante desta nova realidade, Paulo VI, criou o Pontifício Conselho para os Leigos, em 1967.

Na assembleia do Sínodo dos Bispos de 1987 participaram activamente uns 60 representantes das diferentes realidades eclesiais de vários países.

²⁰ Nas recentes histórias da espiritualidade contemporânea, o tema dos movimentos, é apresentado como um fenómeno característico dos anos setenta embora ele esteja presente ao longo de todo o século XX (cf. Stefano de FIORES, *La nuova spiritualità*, Roma 1996, 63-68; Tullo GOFFI, *La spiritualità contemporanea*, 8, Bologna 1987, 289-321).

²¹ Sobre a história da espiritualidade laical cf. Tullo GOFFI, *La spiritualità contemporanea*, 8, Bologna 1987, 263-288.

Em 1988 surge a exortação apostólica *Christifideles Laici*, onde se reconhece publicamente a autoridade eclesial dos movimentos e onde estes são considerados como dons do Espírito Santo à Igreja.

– Etapa de maturidade eclesial e de discernimento

Esta etapa começou precisamente no Pentecostes de 98 e implica uma inserção humilde nas dioceses e abertura aos outros movimentos ²². Por isso esta etapa de maturidade eclesial mais que um desafio é um caminho a percorrer.

Por movimentos contemporâneos entendemos aqueles que apareceram na Igreja há menos de um século.

Existem grandes diferenças entre aqueles surgidos nos finais do século XIX e aqueles surgidos nos primeiros quarenta anos do século XX. Entre os do pós guerra até ao Concílio e, finalmente, aqueles que surgiram no pós concílio sob a acção das grandes linhas eclesiológicas e espirituais do mesmo concílio.

Confrontando os novos movimentos de espiritualidade descobrimos que estes têm algumas características peculiares que os diferenciam dos movimentos surgidos em outras épocas históricas.

Já em 1981 e 1987 (dois congressos) se estudou em Roma a temática dos movimentos eclesiais. Destacaram-se as seguintes características dos movimentos contemporâneos: internacionalidade, diferente natureza e diverso estilo, objectivos prioritários, especificidade (AA, 19) e eclesiologia do Vaticano II.

1. Carácter de internacionalidade

Com raras excepções os antigos movimentos estavam confinados a uma nação, raramente eram difundidos em duas ou três nações da Europa.

É típica dos movimentos de hoje a nota de catolicidade, expressa também na difusão nos vários países ou continentes.

2. Diferente natureza e diverso estilo ²³

Há uma variada natureza e um diferente estilo presente nas diversas associações e grupos. Os grupos têm uma grande liberdade na sua

²² Esta etapa de maturidade implica submissão ao discernimento dos pastores, adesão humilde e generosa inserindo as próprias experiências nas Igrejas locais e nas paróquias, permanecendo sempre em comunhão com os Pastores e atentos às suas indicações.

²³ As associações podem classificar-se, segundo os aspectos predominantes na sua fisionomia,

configuração e desenvolvimento, as associações são mais estruturadas. O que define um movimento é precisamente o facto de não ser algo de estático, rígido, mas algo que se move.

3. Objectivos prioritários, especificidade (AA, 19)

Uma terceira característica é-nos dada pelo decreto conciliar Apostolicam Actuositatem, n. 19 (O Apostolado dos Leigos). Surge a partir do objectivo que os movimentos se propõem como prioritário. Ou seja o seu carisma, mas que deve ter sempre presente a finalidade apostólica geral da Igreja que é a evangelização e a santificação ²⁴.

em algumas famílias. São três as principais, segundo a designação mais difundida: grupos, associações e movimentos. A divisão entre estas três não é muito precisa e, ao querer defini-las com precisão, podemos cair em algo de artificial.

Grupos: têm como característica principal uma certa espontaneidade e liberdade na sua formação e desenvolvimento, na adesão e permanência dos membros, no ritmo e conteúdo das reuniões, nos objectivos concretos e imediatos, na disciplina.

Associações: São muito mais estruturadas no que se refere seja às bases institucionais e aos objectivos, adesão dos membros e projectos de acção.

Movimentos: Estão no meio. Não lhes faltam estruturas institucionais, mas o mais importante e o que os define é o facto de se constituírem à volta de uma ideia-força que continuamente impele à acção. Esta ideia-força é a mística que está nos membros e que os congrega à volta de uma figura carismática que primeiramente viveu essa mística e que continuamente a propõe. Muito mais que as normas dos estatutos, um movimento mantém-se e desenvolve-se por um ideal e por um corpo de doutrina que leva à acção.

Aquilo que definiria um movimento é o facto de ser algo não estático e rígido, mas algo que caminha, que se adapta às mudanças, algo que se constrói e progride.

²⁴ São quatro os objectivos indicados pelo decreto conciliar como capazes de qualificar as diversas associações eclesiais:

a) Um primeiro objectivo é aquele a que o concílio chama "o fim apostólico geral da Igreja". Os movimentos que têm como fim específico este primeiro objectivo estão atentos às exigências concretas do ambiente em que se inserem e, com clara escolha apostólica, preparam-se para responder a tais exigências oferecendo seja um primeiro anúncio kerigmático do mistério de Deus, de Cristo salvador, da vocação fundamental do homem, do sentido cristão da vida; seja uma catequese que aprofunde e consolide a fé, seja ainda um estímulo a uma maior perfeição da vida cristã a todos os níveis.

b) Um segundo objectivo é a evangelização e a santificação. Recordemos uma importante afirmação do decreto AA pela qual são especialmente definidas as associações: "que fomentam e promovem uma unidade mais íntima entre a vida prática dos membros e a sua fé". Esta coerência favorecida e promovida pelos movimentos é aquilo a que o documento conciliar chama de santificação.

c) Terceiro objectivo caracterizante é a "animação cristã da ordem temporal". Nesta característica colocam-se os movimentos mais especificamente laicais. De facto animar cristamente as realidades temporais - ou com palavras da Evangelii Nuntiandi - "tocar e transformar com a força do Evangelho os critérios de julgar os valores determinantes, os pontos de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade"(EN,19). Isto é, segundo LG,31, AA,7 e EN,70, o que define o leigo enquanto cristão no mundo. É por isso uma tarefa tipicamente laical que assumem estes movimentos.

4. A quarta característica refere-se à dimensão eclesiológica.

Os movimentos contemporâneos, se são verdadeiramente eclesiais, têm de se inscrever na eclesiologia do Vaticano II. Eclesiologia que está contida, explícita ou implicitamente, nos documentos do Vaticano II, em alguma parte já sistematizada por alguns teólogos, mas ainda longe de uma sistematização completa.

As principais intuições, as afirmações fundamentais, as ideias chave de tal eclesiologia serão sem dúvida a inspiração mais profunda e o impulso mais autêntico que farão surgir e viver os movimentos contemporâneos. Esta última característica é sem dúvida determinante.

É da necessária e indispensável inserção na eclesiologia do Vaticano II e da íntima coerência com as grandes linhas desta eclesiologia que derivam certas exigências para os movimentos contemporâneos. Estes devem perceber e realizar tais exigências se não querem perder a própria identidade, assim como a sua credibilidade e, por fim, a sua própria eficácia.

Os movimentos devem ser sinal de comunhão entre os homens, como o é a própria Igreja, e comunhão com os pastores para superar não só o clericalismo e o anti-clericalismo, como também a secularização dos clérigos e a clericalização dos leigos.

- Pentecostes de 1998

O Pentecostes de 98 é considerado como uma etapa fundamental na vida dos vários movimentos de espiritualidade. Marca a passagem a uma fase de maturidade e de uma maior inserção na vida e pastoral da Igreja.

No dia 30 de Maio de 1998, vigília de Pentecostes, o Papa reuniu-se em oração, na Praça de S. Pedro, com todos os movimentos e comunidades eclesiais. Desejava apresentá-los como "significativa expressão do aspecto carismático da Igreja", foram estas as suas palavras.

Eram mais de 500.000 membros de 60 realidades eclesiais diferentes.

O Papa chamou a atenção para a importância de iniciar uma nova etapa de maturidade dos movimentos centrada nos seguintes aspectos:

- Uma humilde inserção dos vários movimentos nas igrejas locais, sendo bem acolhidos pelos bispos das várias dioceses.

d) O quarto objectivo é colocar em prática no concreto das situações o mandamento novo da caridade. Os movimentos surgem na Igreja para que ela volte ao essencial e primordial da sua missão. "As associações não têm em si o seu fim, mas devem servir à missão que a Igreja tem de cumprir para com o mundo. A sua força apostólica depende da conformidade com os fins da Igreja e do testemunho cristão e espírito evangélico de cada um dos membros e de toda a associação"(AA, 19).

– Abertura aos outros movimentos. Descobrir e conhecer o dom de outros carismas e desenvolver a colaboração (Igreja, comunidade de carismas).

O encontro do Pentecostes de 98 marcou um antes e um depois na vida dos vários movimentos. Surgiu e desenvolveu-se uma maior comunhão e uma maior colaboração entre os diferentes movimentos. Alguns definiram esta atitude como “o início de uma nova primavera da Igreja”. Sentiu-se a necessidade e um maior diálogo e de um contínuo aprofundamento na reflexão teológico-pastoral sobre este tema. Assim, dando continuidade à reflexão sobre os movimentos realizada no Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais, decorreu, em Roma (Junho de 1999), um “Seminário de reflexão e diálogo” sobre “Os Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades na solicitude pastoral dos Bispos” que reuniu uma centena de bispos de todo o mundo ²⁵.

Podemos dizer que o Pentecostes de 98 abriu um novo caminho de comunhão entre os diferentes movimentos eclesiais.

– *Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte*

Na carta apostólica “Novo Millennio Ineunte”, 2001, o Papa retoma o discurso do Pentecostes de 98 e chama a atenção para a necessidade de que a Igreja viva uma espiritualidade de comunhão que a ajude a realizar a sua vocação de ser profecia do Reino (cf. n. 43-47).

Não é possível uma unidade de acção se não se promover uma espiritualidade de comunhão.

– *Exortação Apostólica pós-sinodal A Igreja na Europa*

Exortação Apostólica pós-sinodal “A Igreja na Europa”, 2003, propõe uma síntese particularmente significativa sobre o contributo dado pelos novos movimentos e pelas novas comunidades eclesiais: “Ajudam os cristãos a viverem mais radicalmente segundo o Evangelho; são o berço de diversas vocações e geram novas formas de consagração”. Promovem

²⁵ “Neste encontro, promovido pelo Conselho Pontifício para os Leigos com a colaboração dos Congregações dos Bispos e da Doutrina da Fé, intervieram alguns fundadores, superiores e representantes das novas comunidades eclesiais. A convocatória do encontro situava os actos em continuidade com o Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais, celebrado em Roma em Maio de 1998 e com o encontro dos movimentos que teve lugar na Praça de S. Pedro na vigília de Pentecostes” (Raúl BERZOSA, *Movimientos Eclesiales*, in *Diccionario de Pastoral y Evangelización*, Burgos, 2001, 735).

sobretudo a vocação dos leigos e levam-na a exprimir-se em diferentes modos de vida; favorecem a santidade do povo; podem ser anúncio e exortação para muitos que de outro modo não se cruzariam com a Igreja; frequentemente apoiam o caminho ecuménico e abrem sendas para o diálogo inter-religioso; servem de antídoto contra a difusão das seitas; são de grande ajuda para irradiar vitalidade e alegria na Igreja” (nº 16).

O mundo pós-moderno em que vivemos tem uma grande necessidade de Cristo e do seu Evangelho e, podemos dizer, os movimentos são um caminho providencial suscitado pelo Espírito Santo neste momento concreto da vida da Igreja.

2. **Novos Movimentos de Espiritualidade: Novas respostas para novos tempos**

A realidade dos movimentos é uma questão muito viva e actual na Igreja de hoje ²⁶, seja pela diversificação da terminologia ²⁷, seja pelas implicações pastorais que colocam na vida cristã das comunidades. Daí a necessidade de estabelecer objectivamente, à luz do Magistério, elementos de caracterização e de discernimento que ajudem a descobrir a sua eclesialidade e o seu contributo para uma melhor vivência e testemunho da fé.

a) *Novos Movimentos de Espiritualidade e sua caracterização*

Na mensagem do Papa ao IV Congresso Mundial organizado em Roma, de 27 a 29 de Maio de 1998, pelo Pontifício Conselho dos Leigos sobre o tema: “Os movimentos eclesiais: comunhão e missão nos umbrais do terceiro milénio”, afirma-se que com este termo se indica “uma concreta realidade eclesial com uma participação predominantemente laical, um itinerário de fé e de testemunho cristão que fundamenta o próprio método pedagógico sobre um carisma peculiar dado à pessoa do fundador em circunstâncias e modos determinados. A originalidade própria do

²⁶ O fenómeno dos movimentos é ainda actual. Basta dizer que o tema dos movimentos só teve um primeiro tratamento explícito e global, por parte do Magistério da Igreja, no Sínodo de 1987 sobre “A vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo” e na exortação apostólica pós-sinodal *Christifideles Laici*. Também só nos últimos decénios, alguns movimentos, receberam a aprovação oficial da parte da Santa Sé.

²⁷ Terminologia usada: *Movimentos Contemporâneos de Espiritualidade, Novos Movimentos de Espiritualidade, Novos Movimentos Eclesiais, Movimentos Eclesiais...*

carisma que dá vida a um movimento não pretende, nem poderia acrescentar algum mais à riqueza do “*depositum fidei*” guardado pela Igreja com fidelidade. Essa originalidade pode constituir um suporte, um sugestivo e convincente apelo a viver em plenitude, com inteligência e criatividade, a experiência cristã. Nisto está o pressuposto para encontrar respostas adequadas aos desafios e às urgências dos tempos e das circunstâncias sempre diversas”²⁸.

No pensamento do Papa, os movimentos são uma das formas da “nova época associativa” dos leigos na Igreja, na qual “ao lado do associativismo tradicional, e muitas vezes das suas próprias raízes, germinaram novos movimentos, com fisionomia e finalidades específicas: tal é a riqueza e a versatilidade dos recursos com que o Espírito alimenta o tecido eclesial, e tal é também a capacidade de iniciativa e a generosidade do nosso laicado”²⁹.

O Papa, na mensagem de 30 de Maio de 1998, afirmava: “Pela sua natureza, os carismas são comunicativos e fazem nascer aquela afinidade espiritual entre as pessoas e a amizade com Cristo que dá origem aos “movimentos”. A passagem do carisma originário ao movimento acontece pela misteriosa atracção exercida pelo fundador sobre aqueles que se deixam envolver na sua experiência espiritual. Por isso os movimentos reconhecidos oficialmente pela autoridade eclesiástica propõem nas suas formas de auto-realização ser reflexo da única Igreja”³⁰.

Podemos afirmar que as características de um “movimento eclesial” são as seguintes: Presença de um carisma, presença de uma pessoa carismática, estrutura predominantemente laical, um itinerário de fé e reconhecimento da autoridade eclesiástica.

1. Presença de um carisma

A presença de um carisma, isto é, de um dom (*gratia gratis data*), dado livremente pelo Espírito Santo para o bem de toda a Igreja.

Carisma consiste num modo original de compreender algum aspecto da revelação cristã ou de colocar uma forte acentuação numa forma original de viver o Evangelho. Um carisma nunca pode estar fora da Tradição cristã, garantida pelo Papa e pelos bispos em comunhão com ele, nem nunca estar fora do Evangelho, pois o Espírito Santo é o Espírito

²⁸ João Paulo II, Mensagem..., in *Il Regno* (1998) 311.

²⁹ Cf. *Christifideles laici*, n. 3.

³⁰ João Paulo II, Discurso..., in *Il Regno* (1998) 411-412.

de Jesus e tem como finalidade conformar os cristãos a Cristo levando-os a viver os seus ensinamentos contidos no Evangelho. A finalidade de qualquer carisma é o bem da Igreja, a sua renovação e o seu crescimento na fé e na caridade.

2. Presença de uma pessoa carismática

A presença de uma pessoa a quem foi dado o carisma e que se torna fundadora de um movimento eclesial na medida em que exerce uma misteriosa atracção sobre outras pessoas que se deixam envolver pela sua experiência espiritual formando uma comunidade particular.

3. Estrutura predominantemente laical

A estrutura predominantemente laical do movimento e a sua abertura a todas as vocações presentes na Igreja, faz com que a ele possam pertencer pessoas de diferentes idades e das mais diversas condições (pessoas casadas, sacerdotes e religiosos). Neste sentido o movimento é eclesial e por isso “forma de auto-realização e um reflexo da única Igreja”.

4. Um itinerário de fé

A presença de um itinerário de fé e de testemunho cristão pelo qual, cada movimento, tem a obrigação de oferecer aos seus membros um itinerário que os leve à maturidade da fé que, por sua vez, se deve tornar mais consciente, pessoal e adulta, e à capacidade de se tornarem testemunhas da fé no seu ambiente familiar e profissional, bem como na vida pública.

Este itinerário de fé e de testemunho inspira-se no carisma do movimento na medida em que fundamenta nesse mesmo carisma o próprio método pedagógico-espiritual.

5. Reconhecimento da autoridade eclesiástica

O reconhecimento da autoridade eclesiástica local (bispo) e do Pontifício Conselho dos Leigos.

É necessário o reconhecimento da autoridade eclesiástica local se se trata de um movimento que vive e opera num âmbito diocesano. Tratando-se de um movimento de âmbito mais largo ou com tendência a difundir-se ao nível da Igreja universal deve procurar o seu reconhecimento junto do Pontifício Conselho dos Leigos.

b) *“Critérios de eclesialidade para as associações laicais”*³¹

Nesta etapa de maturidade, mais do que em qualquer outra, há a necessidade de uns critérios teológicos claros e objectivos de discernimento, também chamados “critérios de eclesialidade”, que levem a uma maior integração na pastoral orgânica das paróquias e da Igreja em geral. Esta necessidade só se compreende na perspectiva da comunhão e missão da Igreja e não em contraste com a liberdade de associação.

Para reconhecer a eclesialidade do carisma, e por isso também dos vários movimentos, a autoridade eclesiástica deverá recorrer aos “critérios de eclesialidade para as associações laicais”, indicados na referida exortação apostólica (n. 30): uns critérios acentuam mais a identidade cristã (santidade de vida, confissão da fé, comunhão eclesial, fim apostólico da Igreja), outros acentuam mais a missão da Igreja (presença pública e protagonismo secular)³².

Nesta exortação, o Papa, expõe os critérios de discernimento e de reconhecimento das associações e chama-as a uma sempre maior colaboração recíproca³³. Estes critérios são ainda instrumentos e meios indispensáveis à Igreja para a realização da sua missão e presença evangelizadora.

Assim, como critérios fundamentais para o discernimento de todas e de cada um dos movimentos ou associações de fiéis leigos na Igreja podem-se considerar, unitariamente, os seguintes:

– *O primado da vocação individual à santidade (santidade de vida)*³⁴

O primado que se dá à vocação de cada cristão para a santidade e que se manifesta “nos frutos de graça que o Espírito Santo produz nos

³¹ A exortação apostólica pós-sinodal *Christifideles Laici* recolhe os frutos da VII Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos de 1987. No n. 30 apresenta os critérios de eclesialidade.

³² Estes critérios devem compreender-se “sempre na perspectiva da comunhão e missão da Igreja e não em contraste com a liberdade da associação (CHL, 30). Estes critérios de eclesialidade, como os chama o Santo Padre, ajudam ao exercício e à liberdade de associação dos fiéis e garantem e mantêm a participação na missão da Igreja (cf. D. José POLICARPO, *Critérios de eclesialidade para as associações laicais*, in *Communio* 8 (1991) 32-37.

³³ Para verificar a natureza eclesial das associações e movimentos a CHL solicita aos pastores um trabalho de discernimento e de estímulo, a partir de alguns critérios fundamentais (n. 30). Estes critérios são de especial importância para dar impulso ao apostolado secular e permitem a todos (bispos, padres, religiosos e leigos) avançar no discernimento da eclesialidade das associações, no reconhecimento de quantas associações o solicitem no futuro e, por último, na promoção daquelas que, nas circunstâncias actuais, possa exigir o bem comum da Igreja (cf. AA, 24; CHL, 31).

³⁴ A santidade de vida verifica-se nas obras: testemunho de vida, confissão da fé, oração,

fiéis” como crescimento até à plenitude da vida cristã e à perfeição na caridade.

Neste sentido, todos e cada um dos movimentos, estão chamados a ser, sempre e cada vez mais, instrumento de santidade na Igreja, favorecendo e fomentando “uma unidade mais íntima entre a vida prática e a fé dos seus membros”.

– *Confessar a fé católica (confessar e celebrar)*³⁵

A responsabilidade de confessar a fé católica acolhendo e proclamando a verdade sobre Cristo, sobre a Igreja e sobre o homem, na obediência ao Magistério da Igreja que a interpreta autenticamente. Por esta razão, cada movimento deve ser um lugar onde se anuncia e se propõe a fé e no qual se educa para viver plena e autenticamente os seus conteúdos.

– *Comunhão com o Papa e os bispos (comunhão eclesial)*³⁶

O testemunho de uma comunhão firme e convencida em filial relação com o Papa, centro perpétuo e visível de unidade na Igreja universal, e com o bispo “princípio e fundamento visível de unidade” na Igreja particular e na mútua estima entre todas as formas de apostolado na Igreja”.

A comunhão com o Papa e com os bispos manifesta-se na leal disponibilidade para acolher os seus ensinamentos doutrinários e as suas orientações pastorais. A comunhão eclesial exige também o reconhecimento da legítima pluralidade das diversas formas associadas dos fiéis leigos na Igreja, ao mesmo tempo, a disponibilidade para a colaboração recíproca. Isto implica a não radicalização do carisma.

– *Conformidade e participação na finalidade apostólica da Igreja*

A conformidade e a participação na “finalidade apostólica da Igreja” que é “a evangelização e a santificação dos homens e a formação

comunhão, trabalho pela justiça, solidariedade com os pobres e pobreza evangélica... Os movimentos ajudam a conversão pessoal – a superar o divórcio entre a fé e a vida dos seus membros.

³⁵ Os movimentos têm a responsabilidade de confessar a fé católica e de a celebrar: devem anunciar, propor e educar para viver a fé em todos os seus conteúdos, segundo a interpretação autêntica do magistério, e fazer que os seus membros participem na celebração da Eucaristia, nos sacramentos e na oração.

³⁶ Testemunho de comunhão efectiva e afectiva com o Papa (Igreja universal), com o bispo diocesano (Igreja particular) e com as outras comunidades eclesiais (paróquias, associações, movimentos...).

cristã da sua consciência, de modo que consigam impregnar com o espírito evangélico as diversas comunidades e ambientes”.

Deste ponto de vista, a todos e cada um dos movimentos e associações de fiéis leigos, é-lhes pedido um decidido ímpeto missionário que as leve a ser, cada vez mais, sujeitos de uma nova evangelização.

– *Presença na sociedade ao serviço da dignidade humana*

Comprometer-se com uma presença na sociedade humana que, à luz da doutrina social da Igreja, leva também a colocar-se ao serviço da dignidade integral do homem.

Neste sentido os movimentos e as associações de fiéis leigos devem ser cada vez mais correntes vivas de participação e de solidariedade, para criar condições mais justas e mais fraternas na sociedade.

Os critérios fundamentais que foram enumerados, mais do que na letra dos seus estatutos, são comprovados nos frutos concretos que acompanham a vida e as obras dos elementos dos diversos movimentos laicais, tais como:

- O renovado gosto pela oração, a contemplação, a vida litúrgica e sacramental;
- O estímulo para que floresçam vocações (matrimoniais, ministério sacerdotal e vida consagrada);
- A disponibilidade para participar nos programas e actividades da Igreja, seja a nível local, seja a nível nacional ou internacional;
- O empenho catequético e a capacidade pedagógica para formar os cristãos;
- Incentivar e impulsionar uma presença cristã nos diversos ambientes da vida social;
- Criar e animar obras caritativas, culturais e espirituais;
- Cultivar o espírito de desprendimento e a pobreza evangélica que leva a desenvolver uma generosa caridade para com todos;
- A conversão à vida cristã e o voltar à comunhão dos baptizados “dos que andavam longe”.

Podemos ainda dizer que “os critérios de eclesialidade descobrem-se na experiência da comunhão eclesial, numa Igreja que se sabe conduzida pelo Espírito de Deus, em continuidade fiel com a tradição, aberta aos novos desafios da missão. Discernir é, afinal, a arte e a coragem de viver em Igreja, procurando ser fiel à mensagem recebida, à variedade dos dons

do Espírito, às exigências da unidade, na caridade, aos sinais que do mundo nos vêm, às exigências da missão”³⁷.

Conclusão

Ao chegar ao termo desta reflexão sobre os Novos Movimentos de Espiritualidade e as suas implicações pastorais na vida da Igreja, podemos sintetizar em três pontos a temática desenvolvida: Presença eclesial, o interesse da teologia e o momento presente dos novos movimentos de espiritualidade.

Presença eclesial. O fenómeno dos movimentos de espiritualidade é de facto uma realidade da vida quotidiana da Igreja universal e local. Apresenta fenómenos que não podem ser ignorados:

- A bibliografia sobre o tema tem vindo a aumentar nos últimos anos,
 - Basta pensar na presença cada vez mais notada dos movimentos na pastoral paroquial e diocesana,
 - Grandes manifestações de movimentos: Gen Fest, Pentecostes de 1998, e os Congressos ou Encontros Nacionais que se seguiram³⁸, Jornadas da Juventude, Grande Jubileu de 2000...
 - A presença cada vez maior nos sínodos de representantes dos movimentos,
 - São integrados nos conselhos pastorais, quer paroquiais e diocesanos, quer nacionais,
 - O seu testemunho é frequentemente pedido nos congressos de Teologia e de Espiritualidade, o que é confirmação da validade e actualidade de certas temáticas.
 - A teologia deixou de olhar com ar suspeito, ou então, com superficialidade este fenómeno para se preocupar com o seu contributo teológico-pastoral.
- Os mesmos movimentos estão também eles numa fase de procura teológica. Aparecem livros para libertar os movimentos da suspeita de um iluminismo sem raízes teológicas (cada movimento tem o seu teólogo).

³⁷ D José POLICARPO, *Crítérios de eclesialidade para as associações laicais*, in *Communio* 8 (1991) 37.

³⁸ Em Portugal, na sequência e no espírito do grande Encontro do Pentecostes de 1998, o “Encontro Nacional de Movimentos Laicais” realizou-se em Lisboa no dia 1 de Abril de 2000 e foi promovido pela Conferência Episcopal Portuguesa (cf. AA. VV., *Encontro Nacional de Movimentos Laicais*, in *Lumen* 61 (2000) 16-30).

Na sua complexidade o fenómeno interessou também à hierarquia da Igreja. João Paulo II tem uma grande simpatia e sempre que pode fala e promove esta realidade da Igreja, talvez mais do que muitos bispos desejariam.

– Já foi colocada a hipótese de estudar o fenómeno dos movimentos eclesiais como tema num sínodo.

– Nenhuma tomada de posição radical e total foi tomada pela Igreja de Roma contra os movimentos em geral. Todos devem procurar a sua filiação no Dicastério romano próprio que é o Pontifício Conselho dos Leigos, que oficialmente é o ponto de referência de todas as associações e movimentos.

Interesse da teologia. O crescente interesse da teologia por estes fenómenos espirituais está na base de uma atenção sempre maior da parte dos teólogos e de revistas teológicas especializadas, assim como a presença da entrada “movimentos de espiritualidade” nos Dicionários de Teologia, de Espiritualidade e de Pastoral. Tudo isto confirma o interesse científico pelo tema.

Talvez o juízo mais autorizado seja o de Hans Urs Von Balthasar. Afirma que, perante a crise das clássicas escolas de teologia que precederam o concílio e o seguiram, os movimentos colocam-se como uma reserva de esperança espiritual para a teologia ³⁹.

Há uma crescente valorização teológica deste fenómeno dos movimentos, seja através da edição de livros, seja através de artigos de revistas.

Por sua vez progrediu também a reflexão sobre os carismas e o discurso sobre o discernimento espiritual e eclesial dos grupos, a fixação dos critérios de autenticidade e de plena eclesialidade, para uma valorização eclesial, onde determinado movimento não é só examinado isoladamente nas componentes espirituais e apostólicas próprias (o seu carisma), mas no seu contributo pastoral ao conjunto eclesial (a sua especificidade).

O momento presente dos movimentos. Depois do concílio e neste período de secularização e de pós-modernidade, tempo de procura e de interrogações, neste tempo em que parece que os “homens cansados dos outros homens, procuram novamente voltar-se para Deus”, onde se encontram hoje os movimentos de espiritualidade?

³⁹ Cf. Jesús CASTELLANO, *Carismi per il terzo milenio. I movimenti ecclesiali e le nuove comunità*, Roma 2001, 25.

– Há um sincero desejo – fruto de uma maior maturidade espiritual – de se inserirem plenamente no discurso global da Igreja, a nível de doutrina, de vida apostólica concreta e de actividades pastorais.

Procurando finalmente estruturas jurídicas adaptadas para exprimir a seu próprio papel e contributo na Igreja. Um destes (genericamente incluindo na categoria de movimento eclesial), o Opus Dei, conseguiu estrutura jurídica de Prelatura Pessoal.

– Teoricamente os movimentos deveriam depender do Conselho dos Leigos, mas esta inserção não se faz sem problemas. Como colocar neste Secretariado movimentos tão diferenciados? Ou então, como entrar nesta situação quando só se identifica como caminho de fé no interior da paróquia e se recusa a etiqueta de movimento?

– Trata-se de encontrar uma clara e qualificada inserção dos movimentos na harmonia das várias realidades e componentes eclesiais.

É actualíssimo o discurso sobre a eclesialidade comunitariamente vivida, como foi colocada em relevo também por ocasião do Jubileu dos movimentos eclesiais no Ano Santo (Novembro de 1983) e no Pentecostes de 98. Mas há ainda um longo caminho a percorrer...

Podemos afirmar que para todos os movimentos, na linha da exortação apostólica *Christifideles Laici* e do Pentecostes de 1998, soou a hora de uma passagem madura e eclesial do entusiasmo carismático à inserção institucional, da livre actuação na Igreja à presença coordenada. E tudo isto sem perder o fervor e sem diminuir a criatividade, tendo sempre presente a regra de ouro preconizada por Santo Agostinho e que é de tremenda actualidade: “no fundamental, unidade; no discutível, liberdade; em tudo, caridade”.

ANTÓNIO ABEL RODRIGUES CANAVARRO